

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A apresentação da morte de São Francisco de Assis nos Fioretti

Vandergleison Judar*

RESUMO: Os Fioretti compõe o quadro de fontes franciscanas que nos remetem ao século XIII-XIV. Esta, precisamente se situa neste último século, sendo considerada de autoria anônima. Durante muito tempo esta obra foi ignorada pelos historiadores, mas este posicionamento tem sido revisto, uma vez que tal fonte recebe importância por descrever e estar ligada ao ambiente sócio-cultural de nosso personagem. Desse modo, nosso objetivo é buscar compreender por que a morte de São Francisco nessa fonte é descrita de maneira tão singela e diferente de outras, narrando o mesmo fato.

Palavras-chaves: *Morte, fontes franciscanas, São Francisco.*

ABSTRACT: The Fioretti composes the group of franciscanas sources that in send them to century XIII-XIV. This necessarily is placed in this last century, being considered of anonymous authorship. During much time this workmanship was ignored by the historians, but this positioning has been coats, a time that such source receives importance for describing and being on to the surrounding cultural partner of our personage. In this way, our objective is search and understand why the death of San Francisco is described in this source in so different way of others telling the same fact.

Key-words: *Death, franciscanas sources, San Francisco.*

INTRODUÇÃO

A morte no período medieval possui uma perspectiva um pouco diferente daquela vivenciada pela sociedade contemporânea. O tema foi muito utilizado no período do medievo, em duas situações: a primeira, quando a Igreja, no intuito de atrair o fiel, mostrava-lhe o caminho da salvação em oposição ao medo do inferno e do demônio; um segundo aspecto, o de maior relevância para nós, é o da morte esperada e, portanto, preparada, principalmente quando se referia a grandes personagens, tais como reis, cavaleiros e também santos¹.

Portanto, para compreendermos melhor esta perspectiva sobre a morte, necessitamos entender o período em que ela surge, um momento de grandes mudanças em toda sociedade. Sendo assim, o século XII é um período registrado na historiografia pelas suas

* O autor é graduado em história pela Universidade Estadual de Londrina e cursa o mestrado pela mesma Instituição.

¹ A primeira perspectiva, ligada ao medo e ao macabro é desenvolvida por Delumeau; enquanto a segunda idéia se apoia em Ariès.

grandes transformações refletidas na própria espiritualidade. A chamada “reforma” do século XII é repleta de evidências de um progresso econômico e um crescimento demográfico demonstrados em vários lugares do Ocidente Medieval. Uma das causas é a utilização de novas técnicas na área rural. Isso gerou um aumento da produção agrícola e proporcionou o “desenvolvimento tanto da própria área rural como também da área urbana, o que permitiu a transformação desta última, num grande centro de proliferação cultural, político e econômico” (VISALLI, 2003: 13).

Identifica-se o século XII também como o momento das conquistas laicas, no qual a espiritualidade atinge novas formas de devoção, quase como as que conhecemos em nossa sociedade hodierna², deixando modelos antigos vigentes até a Idade Média Central. O acesso do laicado aos evangelhos, promoveu um conhecimento maior do mundo bíblico bem como a valorização da humanidade de Cristo. As organizações coletivas se tornaram as formas mais práticas da vivência religiosa dentro da Igreja. As confrarias que representavam esta religiosidade produziram uma literatura própria frisando o trabalho caritativo, a ascese e a piedade – a aceitação da fraternidade, posterior ordem franciscana, refletiu esse momento.

Portanto, fruto dessa realidade em transformação, o movimento franciscano surge no esforço dos leigos de conquistarem seu próprio espaço no ambiente religioso, na expectativa de alcançarem sua própria salvação, pregando o “verdadeiro” evangelho, peregrinando de cidade em cidade, pobres de Cristo, vivendo de esmolas e compartilhando do pouco que recebiam.

Francisco de Assis, fundador do movimento, era filho de um mercador e pôde, antes de sua conversão, aproveitar todos os benefícios de seu status. Uma vida de folguedos e prodigalidade regrada pela cultura cortesã. Após algumas experiências, como a que ocorre a caminho de Spoleto³, talvez a mais marcante, converte-se, “assumindo a pobreza como estilo de vida e forma de devoção” (FALBEL, 1995: 6).

Desse modo, Francisco de Assis buscou sempre caminhar sob a autoridade da Igreja, se esforçando para amenizar os iminentes conflitos entre a sua religiosidade, de cunho mais popular, e a cultura eclesiástica, mais erudita, a qual soube se aproveitar muito bem da

² Cf. André Vauchez surge nesse período o culto aos santos, a prática de uma religiosidade interiorizada, assim como a penitência privada, ascese através do trabalho caritativo, confrarias e ordens, a idéia de responsabilidade individual, assim como homens santos a frente da Igreja com a prática do celibato.

³ Cf. Vauchez: São Francisco teve uma visão que o fez repensar seu estilo de vida, resolvendo lutar por uma causa maior. Numa segunda experiência passeando a cavalo, avista o leproso, desce lhe entrega uma moeda e beija sua mão. Esta atitude é relatada como uma representação, o beijo no leproso representa todo o movimento Caritativo do séc. XIII. p. 116.

figura do santo Francisco, tanto em vida como também após sua morte. É justamente sobre sua morte, em uma fonte que foi durante bom tempo esquecida denominada Fioretti, que iremos nos debruçar, afinal tal fonte tem recuperado seu valor historiográfico dentro dos quadros de fontes franciscanas nos últimos séculos.

1. CONHECENDO OS FIORETTI

O nome *Fioretti* se origina de um título bastante comum na literatura medieval e se refere à narração de milagres e exemplos. Dessarte, encontramos na fonte referências de milagres de São Francisco e também idealizações de seus seguidores ou de quem as compôs. Os *Fioretti*, são uma coletânea de capítulos produzidos ou, pelo menos, traduzidos no século XIV para o italiano, como podemos perceber, pelas palavras do frei Ildefonso:

Os Fioretti são um florilégio, coletânea maravilhosa e inimitável de episódios, “milagres e exemplos devotos”, os mais belos e mais significativos da vida do Pobrezinho de Assis e de alguns de seus companheiros [...] Substancialmente, eles referem gestos e palavras de Francisco, que em geral podem ser considerados históricos ou de boa tradição oral, raramente devaneios legendários. (Apud. SILVEIRA, 1988: 1079).

Sendo assim, percebemos que esta fonte trabalha com gestos e palavras de Francisco, que, em geral, podem ser considerados históricos, mas, no aproveitamento do nome e do espírito da obra, encontram-se também presentes alguns florilégios.

Podemos comprovar isto através do estilo literário desta, sendo definido como novelística⁴. Nesse sentido, percebemos que os *Fioretti*, desenvolveram uma imagem muito positiva e até mesmo deificada de São Francisco e do mundo a sua volta, sobre a qual Segre comenta:

Nos Fioretti a realidade não fala mais alto, não há mais drama, minimiza-se a dor. Remove-se o peso do mal. Há uma realidade cândida, rarefeita, terna atmosfera, maravilhosa, doce, onde um senso mítico estimula a própria narrativa [...] um pouco do paraíso na terra – de uma religiosidade serena e contemplativa (SEGRE, 1996: 339).

Fruto dessa realidade serena e contemplativa é então, construída cada parte encontrada sobre a vida e os feitos de nosso personagem, na maioria das vezes se embasando nesta realidade mítica, onde o seu exemplo é usado para tocar os corações, convertendo-os a Cristo. Sabatier menciona que a paixão do povo pelos *Fioretti* se deu pelo fato de que, tanto São Francisco como também seus seguidores, são apresentados por essa fonte de forma tão

⁴ Cf. Cesare Segre Os *Fioretti* possuem uma espécie de exaltação em relação aos feitos de São Francisco, ao ponto de defini-lo como novelístico, ou em outros termos obra de ficção.

humana e, ao mesmo tempo, tão divina. Isto atraiu as pessoas, motivadas pelo colorido das narrativas que se diferenciavam das outras lendas. Este autor, ainda acrescenta que há, de fato, um caráter legendário sobre a referida fonte; todavia, esse aspecto não deve levar à desvalorização histórica da mesma⁵.

2. A MORTE NA MEDIEVALIDADE

Como mencionamos, no período medieval a morte possui uma perspectiva diferente da vivenciada pela nossa sociedade. A questão de atrair o fiel, apresentando-lhe as penas infernais, o Diabo e as imagens macabras, eram estratégias bem recorrentes no período. O medo era um instrumento eficaz. Contudo, é um segundo aspecto, o de maior relevância para nós, o que cria a perspectiva da morte esperada e, portanto, preparada, principalmente quando se referia aos grandes personagens do período, como os reis, os cavaleiros e também santos, como no caso de São Francisco.

O resultado desta preparação era ornamentado de detalhes, buscando enobrecer ainda mais o personagem em questão. Se este teve coragem ou qualidades em vida, em seu momento final, estas também apareciam sublinhadas e enriquecidas, melhorando ainda mais a imagem do indivíduo, que já não era tido como comum. No caso específico de São Francisco de Assis, é isto que ocorre; sua morte é cheia de detalhes e enriquecida com vários aspectos que demonstram toda benevolência, força e fé do santo para se encontrar com a morte, sendo até apresentada, em algumas fontes, a idéia de sua morte como uma espécie de encontro com uma amiga⁶. Contudo, pelos Fioretti, a morte se apresenta, nesse momento, com uma peculiaridade própria, sobre a qual nos debruçaremos um pouco mais adiante.

Mencionamos também um tipo de morte que deveria ser levada em conta. É a morte de caráter mais alegórico. Esta estaria presente no âmago de nossas fontes e praticamente em toda espiritualidade da época. Afinal, a idéia de ascese, de alcançar a salvação pelo esforço próprio, mortificando o corpo através dos jejuns e penitências e morrendo para o “mundo” santificando-se e separando-se dos prazeres da carne, (“Se alguém quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim acha-la-á”. Mt.

⁵ Paul Sabatier é um dos autores responsáveis pela recuperação do valor dos Fioretti como fonte histórica, pois durante muito tempo seu caráter científico foi desconsiderado.

⁶ Esta perspectiva da morte aceita e até ansiada sem medo, recebida com tranquilidade, dificilmente pode ter acontecido na perspectiva de Vovelle.

16.25), eram verdadeiras virtudes das práticas religiosas do período⁷. Por isso, não podemos deixar de considerar esse processo como um tipo de morte.

3. A MORTE DE SÃO FRANCISCO APRESENTADA NOS FIORETTI

No entanto, antes de abordarmos a morte nos Fioretti, queremos comparar o evento em duas Legendas que se aproximam entre si (estando relacionadas ao mesmo evento), mas que diferem grandemente em relação à aludida fonte: a morte de São Francisco. Estas são: a Vida Primeira (Vita Prima) e a Legenda Maior, a primeira de Tomás de Celano (1228), e a segunda de São Boaventura (1260) respectivamente, ambas consideradas oficiais pela Igreja⁸.

Na descrição dessas fontes o interessante é que, um pouco antes de morrer, São Francisco pede para reunir seus filhos, o momento lembra um dos patriarcas do povo judeu Jacó abençoando seus herdeiros (Gênesis 49). Recorda também a Cristo em sua última Ceia com os discípulos, pois Francisco procede de modo semelhante ao de Jesus, tomando o pão, abençoando-o e repartindo entre todos, e até pedindo para ler o texto de João 13.1, correspondente bíblico a tal evento.

Na Legenda Maior encontra-se a ênfase da submissão do corpo ao espírito. É possível se construir um quadro muito rico de detalhes e significados comparando uma e outra, mas nosso objetivo é de fato analisar como os Fioretti vêem esta morte.

Os Fioretti, por sua vez, enfatizam o fantástico, o poder miraculoso de São Francisco, mencionam seus grandes feitos e seu exemplo de sofrimento em vida. Em cada um dos capítulos encontramos riqueza de detalhes, enobrecimento novelístico, parafraseando Segre. Contudo, no que se refere ao ponto tão rico nas fontes citadas, tão trabalhado por Celano e também Boaventura, a fonte não se preocupa em falar muito. O momento de sua “passagem” é descrito de maneira curta e singela, sendo possível de se transcrever:

Passou desta vida o glorioso confessor de Cristo monsiior S. Francisco, no ano de Nosso Senhor de mil duzentos e vinte e seis, num sábado, quatro de outubro, e foi sepultado num domingo. O qual era o ano vigésimo de sua conversão quando tinha começado a fazer penitência, e era o segundo ano depois da impressão dos estigmas, e era no ano quarenta e cinco de seu nascimento. (SILVEIRA, 1988: 1225).

⁷ Para saber mais sobre a espiritualidade medieval ler VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séc. VIII – XIII**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 1995, p. 88.

⁸ Dentro do conjunto de fontes produzido durante os séc. XIII-XIV na historiografia franciscana, este se divide em dois grupos: oficiais e não oficiais. Sendo assim, no primeiro grupo estão: A Vida Primeira e a Vida Segunda, de Tomás de Celano, A Legenda Maior e a Legenda Menor de São Boaventura. No segundo grupo, de fontes não oficiais, encontramos: O Tratado dos Milagres, O Espelho da Perfeição, a Legenda dos Três Companheiros, o Anônimo Perusino, a Legenda Perusina e Os Fioretti.

São mais fortes no próprio trecho os detalhes de sua vida, os aspectos de santidade marcados pelo tempo de conversão e dedicação à penitência, principalmente através dos estigmas⁹, mencionando-se o momento de impressão dos mesmos. Há uma preocupação de historicizar esse momento de sua passagem, de dar detalhes fundamentais na compreensão do evento, esclarecendo o dia, o ano, quando de sua conversão, quando da impressão dos estigmas, a idade com a qual morreu e também o dia da semana. A singeleza e a precisão marcam a morte nos Fioretti, ainda que tal precisão, em si, tenha deixado lacunas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, levando em conta a precisão e os detalhes oferecidos em relação à passagem do santo, acreditamos que isso ocorra para demonstrar que as narrativas encontradas nos Fioretti não possam ser consideradas meros devaneios espirituais. Contudo, uma implicação bem interessante surge. O dia em que São Francisco morreu foi, de fato, o dia 03 de outubro. O erro nos Fioretti foi inclusive mantido pela tradição da Igreja oficializando o dia quatro como o dia do santo. Evidenciando-se mais uma vez que a preocupação maior é com a vida e exemplo do santo e não com sua morte.

Prosseguindo, quando observamos a última fonte, a Legenda Maior (1260, até os Fioretti (séc. XIV), temos uma boa separação cronológica. Isso nos leva a considerar que a figura do Santo já estava consolidada, sua imagem já havia se proliferado pelo Ocidente Medieval como um exemplo de santidade, devoção e fé, sendo muito mais importante suas atitudes em vida, o que fez enquanto membro da fraternidade, do que o momento de sua morte.

Como as fraternidades e confrarias representavam a espiritualidade do período, dentro dessas também se desenvolviam as laudas¹⁰ que motivavam as pessoas quanto a sua espiritualidade por meio do canto. Por meio dessas laudas se demonstrava “o temor diante do caráter inegociável da morte. Assim, os grandes e santos do mundo dela não podiam escapar” (VISALLI, 2004: 114). Com isso, podemos traçar uma relação entre tais fraternidades e os Fioretti, uma vez que tal fonte, está fortemente ligada à tradição oral e à espiritualidade

⁹ Cf. MERLO diz os Estigmas servem para demonstrar sua devoção e santidade e o colocam como uma espécie de segundo Cristo, ou ainda como o anjo do sexto selo de Ap. 7, que marca os eleitos com o selo de Deus, p. 119-120.

¹⁰ Para saber mais ler: VISALLI, Angelita Marques. **Cantando até que a morte nos salve: estudo sobre laudas italianas dos séculos XIII e XIV**. Tese. São Paulo, Universidade de São Paulo, maio/2004.

popular. Essa relação pode ter influenciado na perspectiva dos Fioretti quanto à morte, tão fugaz quanto o próprio texto.

Uma última consideração é que percebemos a morte, tal como ainda é hoje, como um momento altamente ritual. No caso de São Francisco não envolve apenas o moribundo, mas os discípulos que vêem nele exemplo de santidade e fé. O Francisco que se foi deixou a missão, deixou o exemplo, deixou suas marcas na história, que foram propagadas por seus discípulos. Tanto para as demais Legendas como para Os Fioretti, o que fica é o brilho da vida de alguém que amou a Cristo ao ponto de encarnar seu reflexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BRAET, Herman e VERBEKE, Werner (eds). **A morte na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1996.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CAMPAGNOLA, Stanislao da (OFM) . **Francesco D'Assisi nei suoi Scritti e nelle sue Biografie dei Secoli XIII-XIV**. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1981.
- _____. **Francesco e francescanesimo nella società dei secoli XIII-XIV**. Assisi: Porziuncola, 1999.
- DESBONNETS, Théophile. **Da Intuição à Instituição**. Petrópolis: Cefepal, 1987.
- DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: uma História do Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **A História do Medo no Ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DUBY, Georges. **O Tempo das Catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)**. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- _____. **História da Vida Privada, 2: da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FALBEL, Nachman. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo: Perspectiva/ FAPESP/Edusp, 1995.
- FRANCESCANESIMO IN VOLGARE (SECOLI XIII-XIV)**. – Atti del XXIV Convegno Internazionale (Assisi, ottobre 1996). Spoleto: Centro Italiano de Studi sull'Alto Medioevo, 1997.
- FRANCESCANESIMO E VITA RELIGIOSA DEI LAICI**. – Atti del Convegno Internazionale (Assisi, ottobre 1976). Assisi: Società Internazionale di studi Francescani, 1977.
- FRANCESCANESIMO E VITA RELIGIOSA DEI LAICI NEL'200** – Atti del VIII Convegno Internazionale (Assisi, ottobre 1980). Assisi: Università degli Studi di Perugia, 1981.
- GRUNDMANN, Herbert. **Movimenti Religiosi nel Medioevo**. Bolonha: Società Editrice Il Mulino, 1980.
- HARADA, HERMÓGENES, Fr. **Em Comentando I Fioretti: reflexões Franciscanas, Intempestivas**. Bragança Paulista: EDUSF; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.

- LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.
- _____. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.
- _____. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1993.
- LE GOFF, J. & Outros. **São Francisco de Assis: além do tempo e do espaço**. Concilium/169. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MANSELLI, Raoul. **Il Secolo XII: Religione Popolare ed Eresia**. Roma: Società Editoriale Jouvence, 1983.
- MERLO, Grado Giovanni. **Em nome de São Francisco: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MOLLAT, Michel. **Os Pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: EDUSC, 2000.
- SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- SCHMITT, Jean Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVEIRA, Ildefonso (OFM) & REIS, Orlando (seleção e organização). **São Francisco de Assis: Escritos e Biografias de São Francisco de Assis, Crônicas e outros Testemunhos do Primeiro Século Franciscano**. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1988.
- VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- VISALLI, Angelita Marques. **O corpo no pensamento de Francisco de Assis**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.
- VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte! In BRAET, Herman & VERBEKE, Werner (eds). **A Morte na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. **Cantando até que a morte nos salve: estudo sobre laudas italianas dos séculos XIII e XIV**. Tese. São Paulo, Universidade de São Paulo, maio/2004.